



A experiência do Sítio Bonobas: vivências da juventude urbana na região rural *The Experience of Sítio Bonobas: Urban Youth Living in Rural Areas*

LIMA, Mariana de Cássia Silveira¹; MARTINS, Ghiulia Cabral²

¹ Projeto Roça Trem Bom / Projeto Pé de Quê, marianasilveira15@hotmail.com; ² Grupo AUÊ!
/ Universidade Federal de Minas Gerais, ghiuliacabral@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Agroecologia e Juventudes

Apresentação e Contextualização da experiência

O Sítio Bonobas traz a experiência de jovens mulheres que vieram da realidade do meio urbano, mas encontraram na agroecologia uma alternativa de modo de vida e de geração de renda, construindo um coletivo liderado e mantido por mulheres que lutam pela agroecologia, resgatando conhecimentos tradicionais, plantando e comercializando alimentos sem agrotóxicos em circuitos da economia popular e solidária. Mariana de Cássia Silveira é uma das jovens agricultoras que integrou o coletivo durante a maior parte de sua existência e conta a partir da escrita deste relato como se desenvolveu a experiência, sua história, desafios e ensinamentos.

Essa iniciativa foi articulada entre os anos de 2019 a 2022, na zona rural da cidade de Florestal (Minas Gerais), que chegou a envolver até 8 jovens, revelando-se uma fonte rica de aprendizados, vivências e trocas.

O coletivo foi composto por mulheres jovens, militantes feministas e pela pauta LGBTQIAP+, gestoras ambientais, estudantes de gestão ambiental e de agronomia, que produziam e comercializavam produtos agroecológicos, como verduras, legumes, frutas, raízes, cogumelos, ervas medicinais e aromáticas, cultivados a partir de um Sistema Agroflorestal (SAF).

Desenvolvimento da experiência

O projeto do Sítio Bonobas se iniciou a partir da convivência com agricultoras/es de Florestal, principalmente através da construção e constituição da Associação Florestalense de Agroecologia (AFLORA), as jovens se envolveram com trabalhos de produção, comercialização, transporte de alimentos e intercâmbios de saberes entre os membros da associação. O grupo trabalhou com o fortalecimento de feiras livres, fomentando o diálogo sobre soberania alimentar, agroecologia, comércio justo e a importância da agricultura familiar agroecológica, além de promover eventos culturais, debates e a circulação de saberes agroecológicos.

Todas as participantes vieram de centros urbanos, mas enxergaram nas pautas da agroecologia uma nova possibilidade de vida. Apesar de não serem de famílias de



agricultores/as, a partir do contato com a agroecologia em Florestal, puderam vivenciar e perceber que existem outras formas de estabelecer relações socioambientais e socioeconômicas, além da possibilidade de gerar renda a partir da agricultura.

Neste sentido, o Sítio Bonobas se consolidou em 2019, com o aluguel de um terreno em Florestal, onde, além da implementação do Sistema Agroflorestal (SAF), ocorreram encontros de trocas e festividades centradas no viver e no saber agroecológico. A integração das participantes aconteceu de forma fluida, mobilizadas pelo contato com a agroecologia e suas relações de amizade. As jovens produziam alimentos sem agrotóxicos e se inseriram em circuitos de comercialização e trocas, tanto em Florestal, quanto em Belo Horizonte e outros municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

A experiência das Bonobas aponta para a desconstrução do significado tradicional da agricultura familiar, que passa pelo imaginário do núcleo familiar constituído por pais, mães, filhos/as e funcionários/as, mostrando que outros formatos são possíveis, como laços de amizade e relações homoafetivas. A partir da consolidação do coletivo, elas conseguiram adquirir a Declaração de Aptidão (DAP) ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), documento que certifica a produção familiar e dá acesso a políticas públicas voltadas para essa categoria.



Figura 1: Acervo do Sítio Bonobas, 2021.



Desafios

Os desafios sempre existiram, principalmente quando falamos de jovens mulheres, no interior de uma cidade pequena, desempenhando um papel em que grande parte das pessoas acredita ser majoritariamente desempenhado por homens. O machismo sempre presente e sempre um desafio. Nessa empreitada não foi diferente, a frase “Sem feminismo não há agroecologia”, precisa existir, porque até dentro de espaços agroecológicos conseguimos ver a demanda que temos em trabalhar a pauta do machismo. Percebemos que as raízes sociais machistas e patriarcais ainda ultrapassam as ideologias do que entendemos como agroecologia.

O trabalho do coletivo foi realizado em grande parte do tempo em terrenos alugados, o que gerou mais um grande desafio enfrentado pelas Bonobas. No final do primeiro ano desde o início do coletivo, após vários desentendimentos com a locatária, que levaram a um momento intenso, de desrespeito e de invalidação do nosso trabalho. Perdemos uma plantação consideravelmente grande foi perdida e o que levou a busca de outro local para continuar com o projeto. O desgaste emocional e físico foi muito grande. Também, pouco tempo antes, algumas das integrantes do coletivo se despediram do sítio e aconteceram algumas mudanças na organização, além da entrada de outra integrante, Mariana, autora deste relato.

A busca por outra terra foi muito difícil, os contratos eram muito curtos para uma segurança no plantio, a descredibilidade dos locatários nos davam por se tratar de jovens e mulheres era grande, muitas vezes escancarada. Nesse momento eram três integrantes, que depois de quase um mês à procura desses terrenos, pensavam em voltar para a cidade. Até que um amigo ofereceu um pedaço de terra para que essa experiência não acabasse. Não tinha casa, mas era o necessário para manter a iniciativa firme no que acreditava. Pouco tempo depois, encontramos uma casa em um distrito bem afastado do centro da cidade de Florestal, chamado Ribeirão do Ouro.

A consolidação de um retorno financeiro mais estável começou em março de 2020, quando infelizmente teve início o período da pandemia de COVID-19. A demanda por alimentos saudáveis aumentou e firmou-se uma parceria com a Feira Fresca, uma iniciativa que faz ao longo do mês feiras itinerantes, onde vários produtores e segmentos diversos, como por exemplo artesanato, se encontram para uma feira linda e diversa. Mas com a chegada da COVID, a feira parou, e, assim, começamos a entregar em parceria com a Feira Fresca cestas prontas para os clientes que frequentavam esse espaço.

Com a demanda estável, e finalmente conseguindo ter uma segurança financeira, o sítio começa a passar por dificuldades com a produção, o solo do terreno alugado antes era um pasto e houveram dificuldades na produção, mesmo com toda adubação e trabalho. Nas épocas de chuva o alagamento da área era inevitável devido ao solo impactado e a falta de drenagem. Ou seja, existia a demanda, mas não havia o produto. Então, selamos parcerias fundamentais para a continuidade do



sítio. Como houveram muitos processos de mudança, falta de terra, o coletivo buscava alguns produtores também agroecológicos para complementar a demanda.

Nesse momento, percebemos que essa seria uma estratégia para não perder esse momento de aumento de vendas e que seria um ponto muito importante para fortalecer a economia local de outros produtores que não conseguiriam fazer essa logística. Nesse período, foi possível compartilhar valores muito legais com os produtores, e continuar firmes no nosso objetivo.

Outra questão que existiu durante todo processo foi a dificuldade em relação a logística, havia um carro, mas pelo fato da demanda de uso ser muito grande, vez ou outra ele se encontrava estragado. Que para além da questão financeira, atrapalhava e causava aflição com o processo.

E mais um vez, tivemos a necessidade de mudar de local. Aconteceu um comportamento racista partindo da proprietária, que nos trouxe muita revolta e indignação, ocasionando na saída do terreno. E mais uma vez, nos vimos literalmente, sem chão.

Foi quando as famílias interviram no processo de forma mais participativa. Foi conquistada uma terra em Campo Belo, interior de Minas e em Sítio Novo, distrito de Mateus Leme, bem próximo a Florestal. Foi então que a falta de dinheiro para investimento, a mão de obra pequena, pois uma das integrantes havia ido para Campo Belo e as outras duas para Mateus Leme, trouxe dificuldade para o coletivo se reestruturar de todas as adversidades. Mas os terrenos aos poucos foram começando a ser ocupados e receber os plantios.

Com os plantios feitos, mais duas barreiras aparecem para nós, no terreno de Campo Belo, as formigas atacam toda a plantação e no de Mateus Leme acontece um incêndio perto da plantação que queima parte da irrigação e algumas ferramentas são roubadas. Ficamos mais uma vez sem norte. Nesse momento eram três integrantes e logo em seguida houve a saída de mais uma. Ficamos em duas, com duas terras, nenhum recurso, dívidas feitas para tentar alavancar a produção e a comercialização. Até que no meio de 2022, foi preciso buscar outras formas de rentabilidade para poder impulsionar mais uma vez o Sítio Bonobas. Consequentemente, pela distância e todas as dificuldades, foi decidido encerrar o projeto enquanto uma produção coletiva.

Principais resultados alcançados

A trajetória desse coletivo é marcada pela persistência. Mesmo com muitas dificuldades, o Sítio Bonobas se tornou referência na região, principalmente para os jovens. Florestal é uma cidade universitária com uma grande influência da agronomia e agroecologia. Colocar o projeto do Sítio em prática, mostrou para a população local a potência da juventude nessa área. Inspirando e incentivando o plantio em quintais grandes ou pequenos por jovens, que também ocasiona uma função socioeconômica para eles.



Apesar das dificuldades enfrentadas e do encerramento do projeto, a experiência do coletivo Sítio Bonobas em Florestal foi uma poderosa demonstração do potencial transformador da agroecologia. Impulsionadas pelo desejo de promover a soberania alimentar, a sustentabilidade ambiental e a justiça social, as participantes do coletivo se dedicaram a estabelecer uma alternativa agrícola mais sustentável e inclusiva.

O coletivo impulsionou não só os jovens, mas as famílias agricultoras locais, que por um tempo forneceram alimentos para suprir as dificuldades de produção do coletivo. Também, além de conseguirem ter o retorno financeiro, muito importante naquele momento, foram incentivados a fomentar sua própria comercialização e a não desistir das produções pelos desafios encontrados.

Desta forma, é possível dizer que a agroecologia desempenha um papel crucial ao oferecer oportunidades e benefícios significativos para os jovens. O contato com a agroecologia na universidade, intercâmbios de saberes e eventos, como o Balaio de Saberes (encontro do movimento agroecológico de Florestal e da RMBH, que acontece durante a Semana do Produtor Rural da Universidade Federal de Viçosa - UFV Campus Florestal), que é uma iniciativa da juventude, foi um dos principais impulsionadores do grupo.

A agroecologia e projetos como o Sítio Bonobas não apenas fornecem oportunidades econômicas, mas também incentivam o engajamento social, o desenvolvimento pessoal e o fortalecimento das comunidades, contribuindo para um futuro mais promissor e sustentável para os jovens e para toda a sociedade. A experiência nos provoca a pensar diversas questões sobre a relação de juventudes com a agroecologia, entre elas a importância de se estabelecer condições e incentivos para permanência de juventudes nas suas iniciativas e na produção agrícola, seja no campo ou na cidade.

Disseminação da experiência

O Sítio Bonobas, mesmo finalizando seus trabalhos enquanto coletivo. Continua disseminando agroecologia e partilhando vivências por aí. Uma das duas últimas integrantes continuou com a produção, mas ainda não tem estabilidade financeira nesse lugar. Todas as mulheres que fizeram parte do coletivo desenvolvem trabalhos voltados para a agroecologia, seja através da educação ambiental, desenvolvimento de projetos externos de implantação de SAF em lugares diversos, na colaboração de outros movimentos agroecológicos, na elaboração de pesquisas acadêmicas sobre o tema e até mesmo sobre a partilha da vivência enquanto coletivo e agroecologia.

Sempre soubemos que o caminho não seria fácil, mas identificamos que principalmente a falta de incentivo governamental foi um ponto muito forte para dificultar a permanência no meio rural. Teria sido fundamental a viabilidade de empréstimos para pequeno produtor que não possui um terreno próprio ou rendimento alto, voltadas para jovens que estão iniciando esse processo, como incentivo para a prática e o desenvolvimento econômico através da agricultura como um grande



potencial para os jovens. O trabalho efetivo voltado para esse público pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER dos municípios, mostrando a viabilidade e oportunidades.

As juventudes têm energia para mudar os solos e o mundo, com incentivo e oportunidade, o que se pode esperar do futuro são coisas ótimas.